

A.:G.:D.:G.:A.:D.:U.:

A.:R.:L.:S.: Solidariedade e Progresso - Nº 3078

ORIGENS DA MAÇONARIA A CHAVE DE HIRAM



**Ir.: Basilio Thomé de Freitas Junior
CIM: 210887 G.:O.:B.:
Grau: Mestre**

BIBLIOGRAFIA

1- A Chave de Iram

Christopher Knight, Robert Lomas – Ed. Landmark - 1997

2- A Maçonaria na Evolução da Humanidade

Felipe Cocuzza – Ed. Ícone - 1994

3- Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada

Laurence Gardner – Ed. Madras- 2004

4- Templários Sua Origem Mística

Davi Caparelli, Pier Campadello – Ed. Madras- 2003

5- Pergaminho Secreto

Andrew Sinclair – Ed. Madras- 2004

6- O Templo e a Loja

Michael Baigent, Richard Leigh - Ed. Madras- 2006

7- Itália Esotérica

Enrico Baccarini, Roberto Pinotti – Ed. Madras- 2005

8- A linhagem do Santo Graal

Laurence Gardner – Ed. Madras- 2004

“Escritores maçônicos escreveram muitos livros, empenhando-se e esforçando-se para registrar a história de sua Arte. Alguns desses esforços não foram apenas espúrios, mas às vezes positivamente cômicos em sua extravagância, ingenuidade e imaginação. Outros não apenas foram plausíveis, mas também abriram novas e importantes portas à pesquisa histórica” (ref.6 pag.149).

Muitos Iir afirmam ser a Maçonaria muito antiga, Felipe Cocuzza escreveu em seu livro “A Maçonaria na Evolução da Humanidade”: *“Embora alguns lhe dêem uma idade muito recente, no século XVIII, na Inglaterra, é evidente que neste tempo houve apenas uma reorganização para adaptar-se à realidade moderna. É mais do que obvio que a idade da maçonaria se perde na noite dos tempos. São bem claras as provas de sua existência nos tempos bíblicos, tanto em Israel como no Egito.”.*

Em 1783, o Grão Mestre do condado de Kent, George Smith, sustentou em diversas publicações, que a Maçonaria teria dado origem a muitos dos próprios mistérios da antiga terra dos faraós. Ignazio von Born, conselheiro do rei austríaco José II, era da mesma opinião, tendo publicado um artigo aplaudido pelo seu confrade Mozart, e conta-se, inspirou a famosa “Flauta Mágica”, narrativa de uma antiga lenda egípcia.

Entre 1920 e 1952, o egiptólogo francês Bernard Bruyère realizou no Egito fantásticas descobertas arqueológicas. Encontrou em Deir el-Medineh, ao sul da necrópole de Tebas, um complexo de sepulcros e estruturas pertencentes a uma fraternidade de arquitetos pedreiros datado do fim da XVIII dinastia, ao redor de 1315 a.C. Os membros desta fraternidade vestiam-se com aventais cerimoniais que os distinguiam dos profanos e que incorporavam também um significado espiritual, pois representavam vestes divinas que o construtor jamais deveria macular com comportamentos ou atitudes morais incorretas. Respeitavam uma hierarquia totalmente semelhante a dos modernos primeiros três graus maçônicos: aprendiz, discípulo e mestre pedreiro. Suas atividades dividiam-se entre os aspectos operativo e o especulativo que visava um crescimento espiritual. Outra evidência de uma possível ligação esta relacionada à história do assassinato de um mestre pedreiro chamado Neferhotep, pelas mãos de um operário que pretendia roubar seus segredos (ref.7).

Porém para muitos outros, posicionar as origens da Maçonaria para antes de sua história publicamente registrada é um delírio irreal.

Das varias obras que se dedicaram a este tema, o livro “A Chave de Hiram”, publicado originalmente em 1996 (Ed. Arrow), de autoria dos Iir.: Christopher Knight (publicitário) e Robert Lomas (engenheiro) obteve grande notoriedade, pelas suas ousadas revelações e polemicas conclusões.

Em síntese, seus autores procuram demonstrar que:

- A origem da Maçonaria não esta na criação da Grande Loja Unida da Inglaterra, embora se possa falar em Maçonaria antes e depois da Grande Loja.
- Apesar de muitos Maçons modernos acreditem que sua organização descende de práticas rituais das guildas medievais de pedreiros, que passaram da fase operativa para a especulativa, na realidade teria ocorrido o oposto, foram os pedreiros especulativos (Templários) que adotaram os pedreiros operativos.
- A Maçonaria teria surgido como sucessora dos Templários na Escócia, tornando-se guardiã de seus segredos, tradições, e relíquias.
- A Capela de Rosslyn, cuja planta baixa é idêntica a do Templo de Herodes, seria o relicário Templário, um verdadeiro livro de pedra, e quando da sua construção teriam sido desenvolvidos o grau de Aprendiz e da Marca.
- A Ordem dos Cavaleiros Templários teria sido formada com o precípua propósito de escavar as ruínas do templo de Herodes e resgatar os tesouros que deveriam estar depositados em uma cripta, próxima ao santo dos santos do Templo original. *“O ritual do Capítulo do Sagrado Arco Real descreve na realidade as descobertas dos Cavaleiros Templários no terreno do Último Templo”*.
- Além da fortuna em ouro e relíquias, os Templários teriam acesso a documentos que revelados pautaram a futura conduta Templária. Estes conhecimentos procederiam dos Essênios, que manteriam entre outros registros, a verdadeira trajetória de Jesus e seus discípulos, altamente deturpada pela igreja de Roma, a partir do concílio de Nicéia (20 de maio de 325d.C.).
- Jesus pertenceria à ordem dos Essênios, seria o Messias Real que juntamente com João Batista, o Messias Sacerdotal, estabeleceriam o Reino de Deus na terra.
- Existiria uma relação direta entre o Messias Real e o Messias Sacerdotal, com a simbologia das colunas Boaz e Jaquim, respectivamente.
- A tradição das colunas Boaz e Jaquim do Templo de Salomão, teria sido introduzida por Moises desde o Egito.
- Os segredos trazidos por Moises, referiam-se a feitura dos Reis, que envolvia rituais como a ressurreição.
- Que o Hiram histórico seria o faraó Seqenenre Tao II, assassinado por não revelar o segredo da feitura dos Reis, evento que precipitou a expulsão dos hicsos do Egito.
- O segredo da feitura dos Reis procede da lenda de Osíris que inclusive originou os reinos do Alto e Baixo Egito.

Este trabalho procura explorar os pontos acima relacionados, especialmente no contexto da origem da maçonaria, confrontando as informações do livro em questão com outras fontes e opiniões.

Criação da Grande Loja Unida da Inglaterra

Tida por muitos como a origem da Maçonaria, para os autores do livro “A Chave de Hiram”, essa atitude pragmática é descomplicada, mas das hipóteses é a mais fácil de se rejeitar. Amplas evidencias mostram que a Ordem se materializou vagarosamente durante mais de trezentos anos antes de 24 de Junho de 1717, dia de São João Batista, quando quatro Lojas de Londres reuniram-se próximo à Catedral de São Paulo, em uma taverna chamada O Ganso e a Grelha, fundando oficialmente a primeira grande loja da história, a Grande Loja da Inglaterra. Segundo os autores de “A Chave de Hiram” este evento teve apenas o específico intento de unificar as diversas filiações e os diversos regulamentos da Maçonaria.

Outros estudiosos não só corroboram com esta opinião, como são ainda mais enfáticos ao afirmarem que a criação da Grande Loja teve motivação política, e esta intimamente relacionada à ascensão em 1714 da dinastia germânica da Casa de Hanover. Ocorre que a Maçonaria a época era fortemente influenciada pela dinastia exilada dos Stuart e os partidários dos hanoverianos não ficaram indiferentes aos perigos de tal influencia. São muitas as evidências que demonstram esta motivação na criação da Grande Loja, como exemplo:

- Já antes de 1705 existia uma Grande Loja formada, que operava em York, tinha o apoio da nobreza e reclamava o título de Grande Loja de Toda a Inglaterra,
- A Grande Loja é criada justamente em Londres onde as Lojas encontravam-se na época um tanto esvaziadas pela atuação da Real Sociedade (1661), ao contrario do que ocorria no restante da Grã-Bretanha onde as Lojas se fortaleciam. Tal fato possibilitou a iniciação e ascensão de membros pró hanoverianos em Lojas londrinas e a movimentação destas na formação da G.:L.:
- Em 1720 O G\ M\ J. T. Desaguliers ordena queimar todos os manuscritos maçônicos existentes, para evitar que caíssem em mãos profanas, uma vez que mesmo com o apoio explícito da Grande Loja ao monarca hanoveriano, ainda havia grande suspeita sobre a instituição.
- Em 1723, surge as “Constituições” de James Anderson um fiel pró-Hanoveriano. Em sua obra fica explícita a intenção de eliminar qualquer ameaça a esta casa real, pois no artigo dois das Constituições reza que: “Um maçom ... não deve jamais se envolver em Tramas e Conspirações contra a Paz e o bem-estar da Nação”, e no sexto artigo determina que nenhum assunto ou questões religiosas ou políticas devem ser discutidas em Loja.

Ressalta-se aí uma fundamental diferença para as características da Maçonaria desenvolvida na França, que chega da Inglaterra com os contingentes derrotados do exercito jacobita entre 1688 e 1691, (a primeira Loja data de 25 de Março de 1688) sendo de 1726 a primeira Loja oficialmente documentada. Na França a Maçonaria adquire características marcadamente revolucionárias, vindo a influenciar decisivamente movimentos em muitos Países onde a cultura francesa era influente.

A Maçonaria pode não ter sua origem com o surgimento da Grande Loja, mas sua criação define uma nova forma de Maçonaria, mais formal, menos secreta e baseada em informações mais restritas, uma vez que a maioria de seus fundadores não era iniciada nos graus superiores. Para fortalecer mais sua fraca posição nesta frente o rei George III chegou a introduzir um ato de Sociedade Secreta em 1799 proscrevendo os trabalhos de quaisquer graus maçônicos mais elevados que os de York, proibindo especialmente ensinamentos e rituais baseados nos Templários.

Origem nas guildas medievais de pedreiros

É comumente aceita a teoria que a Maçonaria origina-se das guildas de pedreiros na Inglaterra. Porém segundo alegam os autores de “A Chave de Hiram”, não havia guildas de pedreiros na Inglaterra e a Maçonaria não se desenvolveu onde estas guildas existiram, basicamente no continente.

Realmente quando se pesquisa guilda de pedreiros, imediatamente se destaca a Guilda Comacina, fundada sobre as ruínas do Colégio Romano de Arquitetos à época da queda do Império Romano (478d.C.), quando seus membros refugiaram-se na ilha fortificada de Comacino, no Lago Como.

É tida por alguns estudiosos como o elo perdido da maçonaria, pois, por meio de uma pedra gravada no ano 712, sabe-se que a Guilda Comacina estava constituída por Mestres e Discípulos, obedeciam a um Grão Mestre ou Gastaldo, chamavam Lojas a seus locais de reunião, tinham juramentos, toques e palavras de passe, usavam aventais brancos e luvas, seus emblemas tinham esquadro, compasso, nível, prumo, arco, nó de Salomão e corda sem fim e reverenciavam os 4 Mártires Coroados; eram arquitetos livres, celebravam contratos e não estavam submetidos a tutela nem da Igreja e nem dos senhores feudais.

Em 643 o rei lombardo Rotaris (governou entre 636-652), confirma por édito privilégios especiais aos Magistri Comacini. Na inauguração da Igreja de Wearmouth, construída pelo Comacinos (Ilhas Britânicas em 674 d.C.), foi emitido um documento de apresentação com palavras e frases deste édito.

Em 1277 o Papa Nicolas III concede aos Magistri Comacini a exclusividade para construir templos na cristandade, pelo que estes construtores receberam o nome de francmaçons e, por desempenhar tão nobre missão, ficaram desobrigados do pagamento de impostos e servidão. Não existem documentos do fato, porém em 1334 o Papa Bento XII ratifica esta decisão. Assim os Mestres Comacianos constituíram uma espécie de multinacional da construção.

Considerando-se estes fatos, e observando o desenvolvimento da maçonaria especificamente na Grã-Bretanha é sugerido um outro fator para justificá-lo. Este fator seria o exílio Templário na Escócia.

A Maçonaria sucessora dos Templários na Escócia

Quando os Templários caem em desgraça em 1307 (sexta-feira, 13 de Outubro), e passam a ser perseguidos pela Igreja Católica, procuraram refugio principalmente em dois destinos:

- Portugal – Abrigados na Ordem de Cristo, recém criada pelo rei D. Diniz.
- Escócia – Onde não poderiam ser alcançados pelo Papa uma vez que o rei Robert o Bruce fora excomungado, e eram muito bem vindos, uma vez que o Rei necessitava da experiência e poder militar dos Templários na guerra travada contra os ingleses.

Assim alega-se que a Escócia nesta época abriga não só um grande contingente Templário, bem como seus maiores tesouros e segredos. Estes que antes já detinham várias propriedades no País permanecem protegidos até que é extinta a excomunhão de Robert o Bruce em outubro de 1328 pelo Papa João XXII. Com a Escócia voltando a fazer parte oficial da Cristandade, tornava-se imperativo que os Templários ali residentes desaparecessem de vista, tornando-se uma sociedade secreta. Neste sentido, o protocolo encontrado nas Old Charges da Ordem (maçônica), com obrigação de prover trabalho e a preocupação em garantir a proteção aos parentes femininos dos irmãos, realmente parece mais adequado a uma sociedade secreta que a um grupo de construtores itinerantes.

Existem muitas controvérsias quanto a esta questão, como ilustra o seguinte comentário: *Os historiadores, especialmente os maçônicos, desde há muito tem procurado provar ou refutar definitivamente a alegada sobrevivência dos Templários na Escócia depois da Ordem ter sido oficialmente extinta em todas as partes. No entanto, esses historiadores, tem feito suas buscas e pesquisas na documentação que procuravam, e não “em campo”* (ref. 6). Certamente por isto as sepulturas em Kilmartin tenham sido ignoradas por tanto tempo.

Kilmartin é um lugarejo na região de Argyll, região esta que para alguns estudiosos teria sido o destino da maior parte da frota Templária desaparecida. Em seu cemitério, as sepulturas mais antigas ostentam características Templárias, onde uma simples espada reta adorna a lápide, e migram em um padrão coerente às mais recentes, adornadas com brasões de família, objetos representativos dos clãs e símbolos maçônicos, evoluindo em um processo de assimilação e acréscimo.

De acordo com o Rito da Estrita Observância, maçons especulativos já estavam em Aberdeen (Escócia) desde 1361 sendo que a Loja foi registrada em 1540. A loja de Kilwinning presumi-se seria ainda mais antiga, e nesta loja encontra-se um documento dos mais intrigantes, um enorme pergaminho (18,5x5.5 pés) feito de linho resistente e enegrecido, contendo mapas, cenas bíblicas símbolos templários e maçônicos, inscrições relacionados ao grau do Real Arco. Tal documento datado do século XV parece sugerir que o tesouro e arquivos Templários teriam sido depositados em um “relicário” construído nesta época, a capela de Rosslyn.

Capela de Rosslyn

É a fundamental prova material apresentada pelos autores de “A Chave de Hiran”, a respeito da transição Templário / Maçonaria, construída em estilo Gótico entre 1441 e 1486 por William St Clair, o primeiro Grão Mestre eleito da Grande Loja da Escócia (por um privilégio concedido pelo rei Jayme II em 1439 as lojas escocesas passam a ter como G\M hereditário os senhores Saint-Clair de Rosalyn).

O simbolismo ali existente é profusamente egípcio (pirâmides entrelaçadas), celta (homens verdes), judeu (imagens de Moises), templário (cruzes) e maçônico (esquadros e compassos).

Também não faltam motivos botânicos, como representações de folhas de babosa e espigas de milho, vegetais que na época só existiam no continente americano, que só viria a ser oficialmente descoberto em 1492, mas presumisse que era conhecido dos Templários desde antes da viagem do explorador veneziano Antonio Zeno em 1395, financiada pelos St Clair, na busca da terra sinalizada pela estrela Mérica.

As representações iconográficas também são abundantes. Na parede setentrional existe um pequeno friso que mostra a crucificação de Cristo, embora haja boas razões para se acreditar que a cena seja a da tortura de Jaques de Moley, uma vez que os personagens usam trajes da Idade Média, sendo distinguíveis os membros da Inquisição, observa-se ainda a cruz em formato de Tao e os cravos pregados nos punhos, detalhes que invariavelmente os artistas medievais representavam erradamente. Outro trecho mostra Templários com um carrasco próximo a eles. Em um alto relevo encontra-se figuras segurando o Sudário de Turim com a face de Moley claramente visível. Alias, existem indícios que a figura no sudário de Turim seria a de Jaques de Moley, que em uma seção de tortura, teria sido crucificado e posteriormente coberto com a mortalha.

Destaca-se também a cabeça do “Aprendiz assassinado”, onde é possível ver um ferimento como o infligido a Hiram, enquanto uma cabeça de mulher é conhecida como a “Mãe Viuva”.

No interior da Capela de Rosslyn existem 14 pilares sendo que os oito do leste, incluindo Booz e Jachin, estão distribuídos no formato de um triplo Tao, e com a disposição dos demais pilares podem ser delineados o selo de Salomão ligados ao triplo Tao (a exemplo da jóia do companheiro no grau do Sagrado Real Arco).

Cada detalhe na construção de Rosslyn foi cuidadosamente considerado e levado para a aprovação pelos supervisores e finalmente pelo próprio senhor de St.Clair, lembrando o ritual da Maçonaria da Marca. Os autores de “A Chave de Hiran” acreditam que William St Clair desenvolveu o 1º Grau da Maçonaria Simbólica e a o grau da Marca como forma de preservar os segredos da construção deste relicário. A propósito existem centenas de marcas talhadas em seu interior, ao modo dos Mestres da Marca.

Rosslyn certamente não foi construída para ser uma capela católica (só foi consagrada tardiamente) resta saber se se tornou o destino final daquilo que os Templários trouxeram do oriente.

Objetivos Templários

A história da Ordem dos Pobres Soldados de Cristo e do Templo de Salomão é bem conhecida. Nove cavaleiros encabeçados por Hugues de Payen, em algum momento de 1118 saindo da França auto intitularam-se guardiões das desertas estradas da Judéia no caminho para Jerusalém. De acordo com a tradição, o rei Balduino II, hospedou a Ordem na ala leste de seu palácio, contíguo à Mesquita de Al Aqsa, erguida no lugar do Templo de Salomão. Durante nove anos, a Ordem manteve-se apenas com os nove cavaleiros originais, certamente insuficiente para executar a tarefa a que oficialmente se propunham. Porém o verdadeiro objetivo seria resgatar o tesouro que fora escondido por Jeremias e os guardas do Templo de Hilquias a mais de 1700 anos atrás.

Artefatos templários encontrados em escavações na virada do século XIX (tenente Charles Wilson) levaram vários historiadores à conclusão de que realmente houve uma escavação sob as ruínas do Templo de Herodes à época dos Templários, a exemplo do francês Gaetan Delaforge que

comentou: “A verdadeira tarefa dos nove Cavaleiros era realizar uma pesquisa na área, para recuperar certas relíquias e manuscritos que contém a essência das tradições secretas do Judaísmo e do Antigo Egito, algumas das quais provavelmente datam do tempo de Moisés”.

Certamente quando Hugues de Payen acompanhado por André de Montebard, tio do influente Abade de Clairvaux, que mais tarde se tornaria São Bernardo, retornam de Jerusalém em 1127, seria para informar a este ultimo a descoberta do tesouro acumulado deste Hilquias até a destruição do Templo em 70 a.C.

Em 31 de janeiro de 1128 (concílio de Troyes) os Templários receberam o status internacional de Ordem soberana e Hugues de Payen foi formalmente instaurado como Grão Mestre. A partir daí a riqueza, prestígio e poder dos Templários cresce rapidamente até a conspiração orquestrada rei da França Felipe IV (O Belo), pelo Papa Clemente V e Guilherme de Nogaret, em 1307. Após a prisão e excomunhão dos Templários pela Bula Vox Clamantis que também lhes confiscava os bens, algumas organizações pleitearam ser os sucessores da Ordem, que sequer foi extinta. Os Templários na Escócia em 24 de junho de 1313 (percebendo que Jacques de Moley logo seria executado), aplicaram as cláusulas da constituição revisada de 1307 e nomearam um cavaleiro chamado Pierre d’Aumont como seu Grão Mestre escocês. Segundo alguns historiadores o próprio Jacques de Moley pouco antes de sua morte (1314), teria indica um novo Grão Mestre, Jean Mare de Lamerny, estabelecendo uma linha sucessória que chega aos dias atuais com Sua Alteza Imperial Dom Gabriel César Zaccaria de Inellas, Príncipe de Sirenzio (1996 – Brasil).

Porém o tesouro Templário que se manteve oculto e inacessível aos interesses do monarca francês, continuou desaparecido. Pode-se avaliar o que seria, por um manuscrito de cobre que relaciona o que existiria estocado sob o templo de Salomão. Este documento faz parte dos Manuscritos do Mar Morto encontrados em Qumran (trinta e dois quilômetros a leste de Jerusalém) em 1947.

Além de grande quantidade de ouro e prata, relíquias (incluindo supostamente a arca da aliança), os Templários também encontrariam uma grande fonte de antigos manuscritos, trazendo relatos em primeira mão que não haviam sido editados ou adulterados por nenhuma autoridade eclesiástica, havia também volumes acerca de numerologia, geometria, arquitetura e música, manuscritos que tratavam de metais e ligas (ref.3, pag.218).

O aspecto mais visível do achado Templário é a tecnologia utilizada na construção das Catedrais Góticas. Uma arquitetura ainda desconcertante para os técnicos atuais, com ogivas pontudas atingindo alturas incríveis, alcançando espaços até então insuperáveis. Suas medidas respeitando a divina proporção do número phi (1,61803), proporcionam um ambiente harmonioso e cuja acústica produz efeitos diríamos, “mágicos”. Notório também nas Catedrais Góticas, são os vitrais com a capacidade de manter uma luminosidade constante e ainda de filtrar raios ultravioletas. O hermetista francês do século XIX, Fulcanelli, explica que o desenho era chamado gótico, por causa da *langue argotique*; a linguagem dos guardiões do Velo de Ouro, que se dedicavam à alquimia da transmutação. São Bernardo traduzira a geometria secreta dos pedreiros do rei Salomão repassando estas informações a profissionais da construção. Estas observações vão de encontro à opinião dos autores da Chave de Hiram, de que os pedreiros especulativos adotaram os operativos.

Outra evidencia da aquisição de um conhecimento que transcendia às técnicas arquitetônicas, materializa-se na escolha dos locais de construção das varias Catedrais Góticas consagradas a Notre-Dame e cujas construções iniciaram em uma mesma época (entre elas, Paris – 1163, Chartres – 1194, Reims –1211, Amiens – 1221); todos estes locais de grande força telúrica, que quando mapeados, reproduzem fielmente o desenho da constelação da Virgem. Em suma, o achado Templário abrangeria o conhecimento combinado de milhares de anos de estudo e não se limitava a arquitetura, alcançaria a edificação do Templo Interior nos trabalhos essenciais anteriores e posteriores a Jesus Cristo.

Os Essênios

Segundo os autores da “A Chave de Hiram”, os essênios seriam os autores dos manuscritos encontrados pelos templários, da mesma forma que os encontrados em Qumran.

Na época de Jesus existiam várias Seitas e Ordens na Palestina, sendo as principais:

- Saduceus: ricos e de alto nível social, por direito estabelecido à burocracia sacerdotal e aristocrática de Jerusalém. Tinham uma religiosidade mais liberal em relação aos demais grupos.
- Fariseus: não eram estritamente sacerdotes, mas devotados à Lei a ponto de aplicá-la a todas as instâncias da vida, foram os precursores do judaísmo ortodoxo.
- Essênios: sequer mencionados no Novo Testamento, permaneceram praticamente ignorados até a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto.

Referências a eles existem na obra do historiador Josephus, que os descreve desta forma: *“Os Essênios são as pessoas mais honestas do mundo e são muito boas tanto nas suas palavras de conforto quanto nas suas ações de cura: são trabalhadores, empreendedores e tem muita habilidade artesanal e dedicação à agricultura. Eles praticam a justiça e a igualdade entre todas as pessoas, tanto em seus negócios como nos seus relacionamentos. Vivem em comunidades perto das cidades, em casas isoladas uma das outras. Seguem costumes rígidos e austeros; evitam os prazeres da carne como a sensualidade e a riqueza, a ganância, a vida mundana; cuidam com zelo e boa vontade dos doentes, das crianças, de outras pessoas, e todos pertencem à mesma irmandade”*.

Segundo os Manuais de Disciplina dos Essênios dos Manuscritos do Mar Morto, os essênios eram realmente originários do Egito (“Ordem dos Terapeutas”), e durante a dominação do Império Selêucida, em 170 a.C., formaram um pequeno grupo de judeus que abandonou as cidades e rumou para o deserto, passando a viver às margens do Mar Morto. Suas colônias estendiam-se até o vale do Nilo.

Em seus ensinamentos, seguindo o método das Escolas Iniciáticas, submetiam os discípulos a rituais de Iniciação, conforme adquiriam conhecimentos e passavam para graus mais avançados. Mostravam então, tanto na teoria quanto na prática as Leis Superiores do Universo e da Vida, tristemente esquecidas na ocasião. Para os autores de “A Chave de Hiram” os Essênios eram todos da Igreja de Jerusalém original, também conhecidos por Nazoreanos. O termo Nazareno deve-se a participação de Jesus na seita dos nazoreanos. Alias, segundo os Romanos que faziam um registro impecável de suas cidades e povoados (indispensável para o recolhimento de impostos), Nazaré não existia no tempo de Jesus, somente muito tempo depois em função justamente da fé e do mito cristão esta veio a existir.

Nazoreano deriva de Nasrani “peixe pequeno”, exatamente o símbolo do Cristianismo primitivo. Parece que remanescentes diretos desta seita existem até os dias de hoje, e esta muito viva no sul do Iraque em uma pequena e tenaz sociedade, com o nome de “Mandeanos”. Eles traçam sua herança religiosa até João Batista, e chamam seus sacerdotes de “Nazoreanos”. Consta que migraram de Judá em 37d.C. fugindo da perseguição sobre os grupos que buscavam a independência de Roma, provavelmente escapando de Saulo, que mais tarde seria conhecido por Paulo (a propósito a comunidade de Qumran por vezes se referia a si própria por Damasco). Sobre os Mandeanos, a seguinte declaração chama a atenção: *“Seguem uma antiga forma de gnosticismo, que inclui práticas iniciáticas e estáticas, e alguns rituais que parecem muito com os maçons (Arkon Daraul – Secret Societies)*. A propósito, Mandeano deriva da palavra Manda, que significa “conhecimento secreto”, usam um aperto de mão ritual chamado Kushta, dado a candidatos cerimoniais, significando Retidão. Uma tradição interessante dos Mandeanos é a crença na existência de uma terra a oeste; um lugar edilício habitado pelas boas almas, marcado pela estrela Mérica. Certamente registros essênios desta terra, foram resgatados ao tempo dos Templários, que como visto anteriormente chegaram ao Novo Mundo muito antes de Colombo.

De acordo ainda com o Manual da Disciplina, o conselho da comunidade essênica consistia de doze homens santos e perfeitos, pilares da Comunidade. Dois destes pilares, eram altamente

simbólicos, representando os aspectos real e sacerdotal da criação e manutenção do “Reino dos Céus” que significava nada mais que uma existência terrena na qual Yaweh governaria sobre os Judeus em permanente estado de paz e prosperidade. Esses pilares chegaram à comunidade como os lendários Booz e Jaquim. O pilar da esquerda, Booz (nome do bisavô de Davi) representava o poder real ou “mishipat” (julgamento), enquanto o pilar da direita, Jaquim (nome do primeiro Sumo Sacerdote do Templo) representava o poder sacerdotal ou “tesedeq” (retidão), e quando unidos suportavam o grande arco do Céu cuja pedra-chave era a terceira grande palavra do anseio judeu, “shalon”. Curiosamente a raiz da palavra Qumran é dada como sendo “arco, portal”.

Próximo ao “final dos tempos”, o messias real seria Jesus, por descendência de Davi, enquanto João Batista de descendência levita, seria o messias sacerdotal. Não se pode deixar de cogitar que em “mishipat”, “tesedeq”, “shalon” poderia estar a origem da Trindade Católica. Também a citação bíblica a respeito de Jesus: “esta sentado à direita de Deus Pai...”, coincide com o posicionamento da coluna Booz.

Jesus "O filho de Deus"

O título "filho de Deus", atribuído a Jesus era uma tradição, e usado por todo aquele que pleiteasse o lugar de rei de seu povo ou seja estivesse na condição de messias. Desde os tempos dos Faraós todos os reis estabeleciam seu direito de governar através de sua descendência direta dos deuses.

Mas afinal quem seria Jesus? A Igreja Romana inicial tomou a si a tarefa de destruir tudo aquilo que não fosse de encontro ao seu dogma absoluto, e até recentemente quase nada se sabia sobre Jesus Cristo além do Novo Testamento. Jesus, alias, Yahoshua Bem Joseph (ou Jeshua Bem Pandira) seria fisicamente bem diferente das representações comumente aceitas no mundo helenizado em que se propagou o Cristianismo, segundo a descrição de Josephus que sobreviveu em textos eslavos que só vieram à luz no último século:

“aparência simples, pele escura, estatura baixa: aproximadamente três cúbitos, rosto comprido, nariz grande, sobrancelhas unidas, barba pouco crescida, cabelos ralos divididos ao meio à moda dos Nazaritas e corcunda”.

Seu nascimento natural é confirmado nos manuscritos de Qumram, no seio dos Essênios que haviam previsto a vinda de um ser superior. A concepção ocorreu por meio de um ritual sagrado que envolveu um membro da irmandade e Maria considerada sagrada e divina. A José (também membro dos Essênios) foi solicitado que assumisse a paternidade da criança até que esta fosse admitida como neófito da Ordem (ref.4 pág 120).

A conhecida visita de três Reis Magos do Oriente, ofertando-lhe ouro, incenso e mirra, segundo pesquisas do prof. Fida Hassnain (livro: *Jesus, a Verdade e a Vida*) referia-se a monges budistas que vieram prestar homenagens ao nascimento de um *Bodhisattva*. Depois de reconhecê-lo como futuro Buda retornaram aos países de origem, deixando talvez acertado com os pais que retornariam quando esta criança tivesse sete anos para levá-la e educa-la segundo sua hierarquia.

Jesus tinha irmãos e irmãs, entre eles Tiago se destacaria como líder dos Essênios (Manuscritos de Qumram) e da Igreja de Jerusalém (Novo Testamento) o que evidencia que ambos seriam o mesmo grupo. Cogita-se que Tomé (Judas) também seria irmão de Jesus, e gêmeo (tomé significa gêmeo em aramaico).

Outra revelação no livro “A Chave de Hiram”, Tiago seria o bíblico Barrabás. Observam que Barrabás não seria um nome, mas um título, pois “bar” significa “filho de” e “Abba” quer dizer “pai” e no contexto da época seria entendido como “Filho de Deus”.

Após a morte de João Batista, Jesus julgou que seria necessário acelerar a vinda do “Reino de Deus” o que resultou em um grave conflito no seio da Ordem, pois além da condição de Messias Real, Jesus resolveu pleitear o papel de Messias Sacerdotal, que por direito caberia ao seu irmão Tiago, e passou a disseminar conhecimentos (no modo de falar dos essênios: transformar água em

vinho) e a iniciar adeptos fora do âmbito da Ordem. Quando de sua prisão no Getsêmani, ele conduzia uma cerimonia de exaltação ao terceiro grau (ressurreição). Quem seria o jovem iniciado, nunca saberemos, mas esta pode não ter sido completada conforme Marcos 14:51-52 nos conta em uma passagem que sempre desafiou qualquer explicação: *Um jovem o seguia, e sua roupa era só um lençol no corpo. E foram agarrá-lo. Ele, porém, deixando o lençol, fugiu nu.*

Quando de sua prisão, Jesus já haveria se acertado com Tiago. Pilatos com a custódia de ambos, provavelmente intuiu que para terminar com o movimento bastaria derrubar um dos pilares, e assim procedeu, deixando a cargo dos judeus escolher quem seria sacrificado.

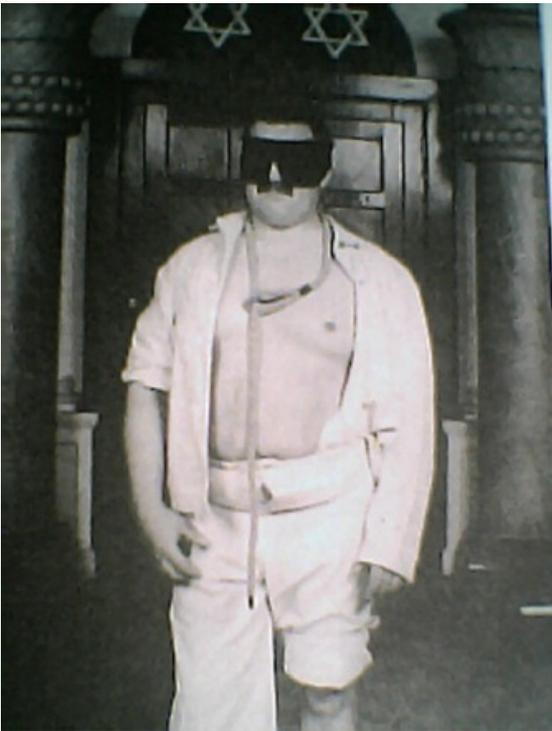
Surge agora uma pergunta, que não quer calar: “Jesus era maçom?”.

Na opinião de nossos Ilr.: autores de “A Chave de Hiram”, a resposta teria que ser: sim, num contexto talvez um pouco diferente, mas com certeza, sim.

Ressurreição

Mandeanos, nazoreanos, essênios, qunranianos, igreja de Jerusalém, todos a mesma seita com nomes diferentes segundo época, local e adeptos, tem na ressurreição um rito de passagem, a iniciação nos mistérios maiores da seita conhecida e dominante da época. Era tido como ressurecto, todo aquele que, ao passar pelo rito, "acordava para a verdadeira vida". Esses iniciados viam o restante da humanidade como mortos em vida, isto é não estavam conscientes de sua própria existência, eram dormentes, manobráveis, e ignorantes, resumindo, a massa, os profanos.

Iniciação de candidato maçom ao 1º grau.



Esse ritual de passagem permanece até os dias de hoje, e na maçonaria de forma muito integra, inclusive com palavras ritualísticas que se mantiveram originais desde o antigo Egito. Quando acontece a entrada do companheiro maçom ao terceiro grau, lhe é sussurrado ao ouvido palavras em egípcio antigo, como se fazia para que o escolhido passasse de simples mortal a Rei e também deus "Horus". Todo Rei egípcio tornava-se apos a cerimônia, a encarnação do deus Horus, e era tido como acordado, ressurecto, mesmo porque no ritual egípcio da feitura dos reis, se usavam drogas alucinógenas que provocavam algo como as EQM (experiências de quase morte) que a ciência estuda hoje em dia. Diz-se "o segredo substituto", pois o segredo original havia se perdido com o assassinato de Hiram Abiff. Mas Hiram Abiff não é um personagem egípcio, aliás não há registros deste personagem em registros históricos. Se o nome do mestre construtor fosse conhecido pelos autores do Livro de Reis, dada a sua importância,

certamente seria mencionado. Hiram Abiff significa rei perdido (hiram – nobre ou real em hebreu, abiff – perdido em francês arcaico), e os autores de “A Chave de Hiram” alegam tê-lo achado na figura de: "Seqenenre Tao II" o grande Rei de Tebas.

Esse ceremonial todo foi trazido até o templo de Salomão posteriormente pelos protojudeus, o antigo povo hicsu que havia conquistado o Egito, e que sob as ordens do Rei Apophis, governante e usurpador, mandou que José (o famoso Jose bíblico) e mais dois de seus irmãos (Simeão e Levi) conseguissem o segredo da feitura de Reis originais, legitimando seu reinado mantido a base da força.

Mas os irmãos de José, juntamente com um sacerdote traidor falharam totalmente. Não conseguiram o segredo e o perderam para sempre, pois mataram dois sacerdotes que o detinham e se recusaram a revelar, e terminaram por assassinar o derradeiro detentor do segredo, o autentico e deposto Rei, Seqenenre Tao II (Hiram Abiff).

O assassinato se dera exatamente ao meio dia, o horário em que Seqenenre sempre utilizava para orar no templo em Tebas em virtude do Sol estar no zênite e não provocar sombra, uma alusão à pureza e retidão absolutas e imaculadas, oriundas das praticas ao deus Sol.

Esse templo e o pórtico da cidade, tinham como símbolos no portão oriental, duas colunas, lado a lado, unidas por um arco celeste, simbolizando a estabilidade do Egito unificado, o Alto (Booz) e Baixo (Jaquim) Egito, representava também uma postura de vida a qual os egípcios seguiam, um principio chamado Ma'at, o principio da retidão moral, da justiça, harmonia, verdade e perfeição.

A maçonaria não poderia ter copiado esses princípios, emblemas e posturas, como acreditam alguns maçons, já que isso tudo só veio ao conhecimento dos estudiosos depois de decifrado os hieróglifos por meio da famosa pedra de roseta, e nessa época, a primeira loja maçônica oficial, já tinha pelo menos 100 anos de existência na Inglaterra.

Muito mais tarde, à época de Zorobabel, quando o profeta Ezequiel mandou reerguer o templo de Yavé, o deus judaico, não permitiu que símbolos e ligações fortes com o antigo Egito estivessem muito presentes, numa franca tentativa de construir a história e as tradições de seu povo, até então meio nômade perambulando pelo mundo e cativo hora dos egípcios, hora dos babilônios e persas. Então se utilizou o ritualismo com o "segredo substituto", como se fora de origem judaica, mesmo assim dentro de uma loja maçônica, baseada no templo de Salomão, é gritante a ligação com todo o contexto egípcio.



Seqenenre Tao II (Hiran Abif ?)

A múmia de Seqenenre Tao II esta no museu do Cairo, mostrando coisas intrigantes: há evidencias de que foi mumificada quando o corpo já havia entrado em decomposição, algo totalmente incomum no Egito, portanto haveria numa tentativa de esconder-se o assassinato. Seqenenre morreu vitima de três ferimentos na cabeça, um em cada têmpora e um no meio da testa (mais grave), e segundo peritos em criminologia, provocado por ferramentas utilizadas em construção, como na história de Hiram Abif. Uma outra múmia encontrada no mesmo local de sepultamento, e hoje exposta juntamente com a de Seqenenre, parece ser a do sacerdote assassino, pois há evidencias de que foi sepultada viva e em agonia. Foi banhado em leite azedo e teve seus testículos extirpados (como Sete na lenda de Osíris).

A bíblia faz inúmeras alusões a um assassinato muito importante, o qual trouxe desgraça a três das 12 tribos de Israel, que alem de terem matado um importantíssimo personagem histórico, não conseguiram apoderar-se do segredo original da feitura de Reis.



Um dos
prováveis
assassinos de
Seqenenre Tao II,
sepultado vivo ao
lado de sua tumba

Na Bíblia (versão do Rei Jaime) em Gênesis 49-6, Jacó refletindo sobre a ação de seus filhos, diz: “*Ó minha alma, que não entres em seu segredo, com sua assembléia, minha honra, não te unas: pois em sua ira assassinaram um homem, e de sua vontade própria derrubaram uma parede*”.

A tribo que manteve esse ritual com o "segredo substituto" foi justamente da tribo de Judá, de onde vieram como descendentes: Moisés, Davi, Salomão e Jesus.

Um segredo que envolvia, não a ressurreição de corpo físico, mas uma ressurreição espiritual.

Tem-se registros históricos desse procedimento, desde os primórdios da humanidade. Ele era utilizado antes pelos Sumérios como um rito de passagem obrigatório na coroação de um novo rei. Assumido pelos Egípcios com a lenda de Osíris, pelos judeus na construção do Templo de Salomão, preservada pelos essênios, e desenterrada muito depois pelos templários.

Todo o emblema em que aparece a estrela da manha (o planeta Vênus, a estrela de 5 pontas), que é tão importante dentro da ritualística maçônica, faz referência exatamente a esse rito de passagem, onde o "companheiro maçom" mergulha em uma morte simbólica para ressurgir, ressurecto como mestre maçom, quando lhes são sussurradas as seguintes palavras:

Ma'at-neb-men-aa, ma'at-ba-aa

que em egípcio antigo quer dizer: Grande é o mestre da Maçonaria, grande é o espírito da Maçonaria (traduzindo ma'at por Maçonaria).